

A teologia sem corpo: por uma teopoética feminista

Theology without body: for a feminist theopoetics

Angelica Tostes Thomaz¹

RESUMO

Este artigo apresenta uma crítica à exclusão do corpo na reflexão teológica partir da teologia feminista, em especial, da teóloga católica Ivone Gebara. O corpo da mulher foi banido da teologia – corpo que não pode sentir, pensar e falar a teologia. A teologia feminista vem como superação desse modelo patriarcal do labor teológico. Busca-se construir uma teologia que tenha como ponto de partida a experiência do corpo. Os estudos antropológicos de David Le Breton e a teopoética de Rubem Alves auxiliam nessa costura teológica do corpo.

PALAVRAS-CHAVE

Teologia Feminista. Corpo. Teopoética. Patriarcalismo.

ABSTRACT

This paper deals with a critical of the body exclusion in the theological reflection inspired by Ivone Gebara's feminist theology. The women body was banned of theology – body that cannot feel, think and speak theology. Feminist theology bring a new perspective to overcome a patriarchal model of theological work. The paper searches to build a theology that has to starting point the experience of body. David Le Breton's anthropologic studies and Rubem Alves's theopoetics helped this theological sewing of the body.

KEYWORDS

Feminist Theology. Body. Theopoetics. Patriarchism.

¹ Bacharel em Teologia (MACKENZIE), mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Bolsista CNPq. E-mail: angelicatostes@gmail.com

Deus fez-nos corpos.
Deus fez-se corpo. Encarnou-se.
Corpo: imagem de Deus.
Corpo: nosso destino, destino de Deus.
Isto é bom.
Rubem Alves

Uma teologia sem corpo de mulher

O corpo é excluído da reflexão teológica. A teologia cristã tradicional exilou o corpo da pátria da teologia, afinal, o que o corpo tem a ver com as coisas do dito “espírito”? O Deus que fez o corpo é um Deus sem corpo². Qual foi o objetivo da exclusão e menosprezo do corpo na teologia cristã? A influência grega na teologia criou uma dualidade no pensamento em relação ao corpo. Tal dualismo entre corpo e alma (ou espírito) impossibilitou de o ser humano ser compreendido como um ser uno, completo, inteiro.

Entender o humano a partir do “dois” significou para muita gente abrir um fosso dentro de si mesmo, dividir-se em partes e considerar algumas boas e outras ruins. Significou desprezar o corpo e todas as suas justas necessidades para falar da alma como se ela fosse “algo” melhor, diferente, mais puro, mais espiritual do que o corpo. E nesse exílio de nosso corpo dos sonhos de nossa alma, o ser humano total já não conseguia sonhar por inteiro. Sonhava coisas para o corpo e coisas para alma. Quase sempre os sonhos não coincidiam, quase sempre eram destinados à frustração, acabando por provocar profunda divisão e insatisfação³.

Nessa alienação do corpo de si mesmo, o grande “condenado à morte” foi o corpo de mulher. O corpo que deve ser mortificado, escondido, não mostrado. O corpo que fere a todos. O corpo mais excluído e exilado da teologia. Não há espaço para o corpo da mulher no campo teológico.

² GEBARA, Ivone. “Corpo, novo ponto de partida da teologia”. In: RIBEIRO, Cláudio (org.). *Rasgando o Verbo: Teologia Feminista em foco*. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

³ GEBARA, Ivone. *Conhece-te a ti mesma*. Uma leitura feminista do humano. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 11.

Por isso a teologia feminista vem como um machado posto à raiz desse tipo de árvore. A religião cristã silenciou a voz das mulheres e aprisionou seus corpos por séculos e séculos. Por essa razão é necessária uma nova leitura da Bíblia, uma leitura mais abrangente e emancipadora.

Para uma melhor compreensão talvez devesse retomar ao corpo da Mãe dos viventes, Eva. O corpo que vem de outro corpo, que não é por si só. “O corpo de Eva para o mito da criação é segundo, assim como a mulher é o segundo sexo”⁴. Corpo de mulher. Corpo que é sacrificado, temido, odiado, desprezado. Corpo da insegurança, do pecado, oprimido, vestido, submisso. Corpo que não tem vez, voz, valor.

O corpo de Eva nascido de um profundo sono de Adão e, talvez no sono, um sonho e, do sonho profundo, agudo, daquilo que é ele mesmo, Eva. Eva não dorme e não sonha. Seu corpo é sonho de outro, seu senhor, seu dono, aquele para o qual foi feita. Seu corpo é desejo de outro corpo [...] De seu corpo ela sabe que será tomado por dores e submisso aos desejos do homem. Sua submissão é ao mesmo tempo maldição. Por quê? Porque seu corpo nasceu de um sonho, e os homens temeram sonhar mais e impediram que seus sonhos tomados reais na mulher a impelisse a sonhar como eles. É um risco sonhar. Os sonhos têm força para mudar a história, para recriá-la continuamente, para renová-la, mas isto é perigoso. E melhor se conformar com o “real”, o “habitual”, a segurança e a tranquilidade parecem habitar esse mundo onde o novo é recusado⁵.

A teologia sem corpo. A teologia sem o corpo de mulher. É, o medo do novo impede o corpo de mulher a mulher fazer teologia. Imaginar, sonhar, possibilitar novos horizontes teológicos a partir do corpo é um perigo para os grandes nomes da teologia. Eles, os homens teólogos tradicionais, temem mexer nas estruturas teológicas e eclesiológicas, e assim, perder seu “poder”. Como assim a mulher faz teologia? Como assim teologia em ritmo de mulher?

Além do desprezo pelo corpo humano, a “instituição” desprezou com mais força e vigor o corpo de Eva, corpo de mulher. A teologia

⁴ GEBARA, 2016, p. 90.

⁵ GEBARA, 2016, p. 91.

e a moral feita pelos homens só podiam acentuar demônios com cara de mulher. O sexo tem cara de mulher e a sexualidade é mulher. Na rejeição da sexualidade rejeitou-se a mulher⁶.

Há um extrativismo da sexualidade no corpo teológico. É necessário, como diz Nancy Cardoso, de uma reforma agrária dos corpos, do próprio chão⁷. A teologia deve retomar o prazer que foi alienado pelo patriarcalismo e vivenciar nos corpos as novas formas de experimentar o sagrado. A sexualidade é marginalizada. A mulher é marginalizada. É vista como aquela que leva os bons homens ao engano. A mulher é associada aos demônios, a Antiga Serpente, ao pecado. A imagem desse “Deus sem corpo” nunca poderia associada a um corpo de mulher, se Deus tem um corpo é um corpo de um homem.

O Deus, imagem de mãe, de irmão, o Deus da fonte de toda vida, Mistério maior e menor, este ficou silenciado, testemunhando o silêncio poético no qual a teologia foi obrigada a viver. No que se refere à divindade, o vazio feminino está presente nos céus. As mulheres nunca foram dignas de estar sentadas no céu, nem ter anjos a seus pés. As mulheres nunca tiveram verdadeiramente seu “dublê” divino nos céus. Tiveram sim que se contentar com o rosto da divindade masculina, forçosamente convencidas de sua inferioridade ontológica e histórica, pois nada nelas assemelhava-se ao divino para merecer uma habitação digna nos céus⁸.

O medo dos corpos na teologia

Nisto consiste o crime,
em fotografar uma mulher gozando
e dizer: eis a face do pecado.
(*Adélia Prado*)

⁶ GEBARA, 2016, p. 91.

⁷ PEREIRA, Nancy Cardoso. *Amantíssima e só evangelho de Maria & as outras*. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

⁸ GEBARA, 1991, p. 18.

As mulheres são alienadas do nosso próprio corpo. É extraído a corporeidade, o autoconhecimento, o ser mulher, ser corpo, ser. A teologia patriarcal exorciza as mulheres delas mesmas. Definem o que podem e não podem fazer com os corpos, ou como diria Nancy Cardoso, com os buracos. Com os buracos do prazer, do sexo, do sagrado. É preciso descolonizar os corpos do patriarcalismo presente na sociedade e da tradição cristã. Emparamos de Ivone que emprestou de Rubem Alves o seguinte pensamento: “Somos assombrados pelo medo do corpo. Talvez porque saibamos que tudo, no corpo, grita contra o domínio. Todo corpo grita por liberdade e prazer. E os maridos têm medo que, nas suas mulheres, o corpo acorde. E as mulheres sentem o mesmo em relação aos filhos. E ambos se aliarão para conspirar contra os corpos dos pais”.

As igrejas têm medo dos corpos, principalmente do corpo da mulher. Temem abrir-lhe espaços porque este exigirá uma nova organização do espaço e poder sagrado. Temem, ainda, porque terão que habitar com corpos diferentes numa relação entre os corpos de direitos iguais. Assim sendo, não poderão mais ditar ordens de submissão desses corpos. Terão de dividir o poder sobre os corpos⁹.

Uma nova organização do espaço e poder sagrado. Sabemos que toda nossa liturgia é envolta a uma imagem de um Deus-homem-todo-poderoso. Os credos apostólicos, as orações tradicionais, o Deus-Pai, todo imaginário sagrado-religioso-cristão é voltado para o masculino. A linguagem determina a forma de lidarmos com o Sagrado. Poder sonhar novos espaços, novas organizações sagradas, que incluam a diversidade de gênero, sexualidade, corpos aterroriza os poderosos das igrejas, por ameaçar e confrontar o poder vigente e toda tradição religiosa patriarcal e excludente. No catolicismo a mulher, segundo Ivone, invade esses espaços de decisões sagradas, mas apenas para servir como doméstica, subalterna e obediente. “Nos átrios sagrados da instituição-Mãe comandada por homens apenas entram as virgens ou algumas mães-domésticas redimidas de sua sexualidade pela função procriadora, única justificadora da prática sexual. ¹⁰ Os dogmas, as liturgias, as orações, os

⁹ GEBARA, 2016, p. 92.

¹⁰ GEBARA, 2016, p. 93.

ofícios, são todos realizados a partir de uma visão masculina, a experiência de ser mulher religiosa não adentra os grandes ritos da cristandade.

Concretamente, falar de estrutura dogmática masculina quer dizer que as formulações dos dogmas, assim como a nossa teologia atual, estão centradas não apenas nas figuras masculinas, mas formuladas a partir de experiências masculinas. Basta, por exemplo, lembrar que o pensamento cristão sempre afirmou, em teoria, a equivalência entre homem e mulher como imagem de Deus, mas, na prática, a mulher não pode representar Deus como um homem. Para Santo Agostinho, o homem é a imagem de Deus de modo normativo, enquanto a mulher só é imagem de Deus em segundo grau¹¹.

Corpo como ponto de partida teológica

A teologia, diria Rubem Alves, é “jogo de palavras, jogo com palavras. Palavras, nada mais que palavras. E com elas se constroem mundos ...”¹². Da onde surgem as palavras? Onde mora a linguagem? Como se faz teologia? Para a teologia feminista, em Ivone Gebara, a teologia deve brotar da experiência do corpo¹³. E Rubem Alves questiona: “Haveria algum outro ponto de partida possível?”¹⁴.

O antropólogo David Le Breton considera que não existem alternativas: experimentamos o mundo e somos atravessados por ele¹⁵. “Antes do pensamento, há os sentidos”¹⁶. O ser humano só tem a consciência de si e do mundo pelo corpo, pelo sensorial e por tudo que o atravessa. A teologia é tecida com essas linhas do sensível, do corpo que sente, daquilo que está além da linguagem. Chamamos Rubem Alves novamente: “Teologia: poesia do corpo”¹⁷.

¹¹ GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 94.

¹² ALVES, Rubem. *Variações sobre a Vida e a Morte: o feitiço erótico-erótico da teologia*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 73.

¹³ GEBARA, 2016, p. 93.

¹⁴ ALVES, 1985, p. 32.

¹⁵ LE BRETON, David. *Antropologia dos Sentidos*. Petrópolis: Vozes, 2016.

¹⁶ LE BRETON, 2016, p. 11.

¹⁷ ALVES, 1985, p. 52.

“Não é o corpo o centro absoluto de tudo, o sol em torno do qual gira o nosso mundo?”¹⁸. Ivone Gebara responde essa pergunta dizendo que o corpo é “o centro de todas as relações, corpo do qual partem todos os problemas e para o qual tendem a convergir todas as soluções”¹⁹. Para Le Breton “a condição humana é corporal”²⁰. Não há percepção fora do corpo, é com ele que sentimos o mundo. O antropólogo brinca com a famosa frase de Descartes: “Penso, logo existo”, que para abranger a totalidade da condição humana deveria ser “Sinto, logo sou”²¹.

O corpo não é um “organismo animal”²², “um organismo biológico”²³, é antes uma “criatura do sentido”²⁴. Para o teopoeta, o corpo é “produto da imaginação”²⁵. É preciso do corpo, dos sentidos, para uma teologia da “sensualidade que vem alimentar a escrita e a análise”²⁶.

“O corpo é a condição humana do mundo, este lugar onde o fluxo incessante das coisas se detém em significações precisas ou em ambiências, metamorfoseia-se em imagens, em sons, em odores, em texturas, em cores, em paisagens etc.”²⁷. Sentimos o mundo com o nosso corpo. A teologia se faz no corpo, se faz nas possibilidades e impossibilidades da experiência do corpo. É o corpo que sente o êxtase divino e é ele que sente a opressão, é ele que “se transforma em lágrimas, gritos de dor, em fuga, calafrios, ódios e perseguição”²⁸, mas também é ele que se transforma no arrepio de ouvir uma canção de amor, do frio da barriga de uma nova experiência, no movimento de uma festa, no gargalhar até doer as bochechas.

Sentir o mundo para compreendê-lo. Corpo que pulsa a vida e emoção que estrutura o mundo²⁹. Le Breton ilustra o sentir o mundo com a metáfora da floresta

¹⁸ ALVES, 1985, p. 32.

¹⁹ GEBARA, 2016, p. 90.

²⁰ LE BRETON, 2016, p. 24.

²¹ LE BRETON, 2016, p. 11.

²² ALVES, 1985, p. 78.

²³ LE BRETON, 2016, p. 25.

²⁴ LE BRETON, 2016, p. 25.

²⁵ ALVES, 1985, p. 46.

²⁶ LE BRETON, 2016, p. 11.

²⁷ LE BRETON, 2016, p. 13.

²⁸ GEBARA, 2016, p. 90.

²⁹ ALVES, 1985, P. 39.

Percorrendo a mesma floresta, indivíduos diferentes não são sensíveis aos mesmos dados. Existe a floresta do coletor de champignons, do passeante, do fugitivo; floresta do índio, do caçador, do guarda-florestal ou do caçador ilegal, a dos apaixonados, dos extraviados, dos ornitólogos; a floresta igualmente dos animais ou da árvore, a do dia e da noite. Mil florestas na mesma, mil verdades de um mesmo mistério que se esquivava e que jamais se dá senão em fragmentos. Não existe verdade da floresta, mas uma infinidade de percepções a seu respeito segundo ângulos de aproximação, de expectativa de pertencas sociais e culturais³⁰.

Cada corpo que pisa no mundo tem sua percepção dele, não há neutralidade do corpo³¹. Sentimos e damos sentido ao que sentimos. “Se o corpo e os sentidos são os mediadores de nossa relação com o mundo, eles não o são senão através do simbólico que os atravessa”³². Lembremos quando Rubem Alves nos disse que a “teologia não é rede que se teça para apanhar Deus em suas malhas, porque Deus não é peixe, mas Vento que não se pode segurar... Teologia é rede que tecemos para nós mesmos, para nela deitar o nosso corpo”³³. Compreender a teologia como uma rede que tecemos para nós, com o nosso mundo simbólico é adentrar-se na antropologia do sensível, proposta por Le Breton, que utiliza a mesma metáfora que das redes e malhas, diz:

Os limites do corpo [...] são aqueles fornecidos pelos sistemas simbólicos dos quais ele é tributário. Como a língua, o corpo é uma medida do mundo, uma rede lançada sobre inúmeras estimulações que assaltam o indivíduo ao longo de sua vida cotidiana, das quais só retém em suas malhas as que lhe parecem mais significantes³⁴.

O que é mais significativo para a teologia senão a vivência do corpo com o divino? Sentir o divino com o corpo é “ver, escutar, saborear, tocar ou sentir o mundo, é permanentemente pensá-lo através do prisma

³⁰ LE BRETON, 2016, p.12.

³¹ ALVES, 1985, p. 38.

³² LE BRETON, 2016, p. 25.

³³ ALVES, Rubem. *Por uma Teologia da Libertação*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012, p. 11.

³⁴ LE BRETON, 2016, p. 25.

de um órgão sensorial e torná-lo comunicável”³⁵. A teologia é a tentativa de comunicação dessa experiência corporal com o transcendente. Porém como se dá a essa comunicação?

Sentimos no corpo e nele produzimos uma rede de significações e sentidos, cada corpo sente a realidade de uma maneira distinta. As percepções sensoriais, as visões, sensações são consequência de um simbolismo adquirido. E a linguagem é a mediadora da partilha da experiência com o corpo para outros corpos³⁶. Entretanto, a linguagem é frágil, ela cristaliza a percepção e a interpela. Há uma dialética entre a língua e as percepções, diz Le Breton³⁷. A linguagem, as palavras, “parecem ter o poder para produzir, construir entidades ideias com que o pensamento brinca e se diverte, sem que elas existam, como objeto, em lugar algum”³⁸. Com a linguagem tecemos sentidos, alimentamos o mundo e nomeamos as coisas. Cada cultura terá seu tecido linguístico e construirá sua própria percepção da realidade. “Entre o mundo e a língua se estende para cada sociedade uma trama sem costura que leva os homens a viver em um universo sensorial e semiológico diferentes”³⁹. Mas como traduzir a experiência com o divino em palavras?

Mas, se as percepções sensoriais estão em vínculo estreito com a língua, elas a superam igualmente pela dificuldade de traduzir em palavras um ressentido: o gosto de um licor, o prazer de uma carícia, um odor, uma sensação dolorosa exigem muitas vezes, por exemplo, o recurso às metáforas, às comparações. Elas obrigam o indivíduo a um esforço de imaginação, a entrar criativamente em uma linguagem que sofre para traduzir a fineza do ressentido. Resta um invólucro irreduzível à língua em cada sensação provada. Se o sistema perceptivo é estreitamente ligado à linguagem, ele não lhe é completamente subordinado⁴⁰.

E é com as metáforas, comparações, imaginação que a teologia apofática – negação – toma o lugar da teologia catafática – afirmação.

³⁵ LE BRETON, 2016, p. 25.

³⁶ LE BRETON, 2016, p. 29.

³⁷ LE BRETON, 2016, p. 30.

³⁸ ALVES, 1985, p. 139.

³⁹ LE BRETON, 2016, p. 30.

⁴⁰ LE BRETON, 2016, p. 31.

Afirmar, sistematizar, transformar em doutrina uma experiência vivida no corpo é limitar os sentidos da experiência em outros corpos. Rubem Alves já dizia que para pensar sobre Deus ele não lia teólogos, mas sim poetas. A teopoética se torna uma linguagem-mais-possível de comunicar o incomunicável vivido no corpo. A construção teológica por meio da estética e do sagrado-indefinível é uma preocupação da teopoética, que enfatizará a dimensão da poesia no contexto teológico. A teopoética não pretende ser dogmática, pelo contrário, pretende gerar novos textos, reflexões, poesias. Para Scott Holland: “uma espécie de escrita que convida a mais escrita. Suas narrativas levam a outras narrativas, suas metáforas encorajam novas metáforas, suas confissões mais confissões...”⁴¹.

Rubem Alves faz uma crítica aos teólogos da libertação que esqueceram-menosprezaram, em sua grande maioria, a dimensão do corpo e suas subjetividades para construir um discurso teológico.

E não me venham com o chavão de que a preocupação com o corpo é doença de pequena-burguesia. Como se os trabalhadores não tivessem corpos, e sentissem dor de dentes com os dentes de sua classe social, e fizessem amor com os genitais de sua classe social, e cometessem suicídio com a decisão de sua classe social. O corpo, na verdade, é a única coisa que eles possuem – e têm de alugar. Para quem está sofrendo só existe o corpo e a dor: dor imensa, dor que é prelúdio da morte, morte que tem a ver com o meu corpo, único, irrepetível, centro do universo, grávido de deuses⁴².

O cotidiano do corpo [dos pobres, das mulheres, da população LGBT, dos indígenas, dos negros e negras, pessoas com deficiências] não deve ser estar ausente para a construção de uma teopoética do corpo. Corpo que não é um só, mas vários, pluralmente corpo, puramente corpo. Rubem Alves retoma incorpora o corpo. A teologia da libertação comete o mesmo equívoco das teologias clássicas ao exilarem o corpo de sua construção. A teóloga argentina Marcella Althaus-Reid também é crítica a exclusão do corpo e do sexo para o pensar teológico, sendo assim

⁴¹ HOLLAND, Scott. *How Do Stories Save Us?* Grand Rapids: Eerdmans, 2006, p. XIX-XXI.

⁴² ALVES, 1985, p. 33.

propõe uma teologia indecente, que questiona os paradigmas da sexualidade cristã que mortifica os corpos e as experiências possíveis e impossíveis para o corpo. Para ela o que estagna a teologia da libertação é quando o pobre se torna um conceito e as diferenças sexuais e subjetividades são ignoradas⁴³: “O corpo concreto, que se relaciona com o prazer e as experiências sexuais foi esquecido, escondido, negado, desprezado, visto como impróprio, desnecessário e meramente acessório tanto para a prática quanto para o discurso teológicos”⁴⁴.

Uma teopoética feminista do corpo

O que é mesmo meu corpo? Meu corpo sou eu, minha história, minhas circunstâncias, minhas escolhas, meus pensamentos, meus medos, meus erros, meus prazeres e minhas dores. Hoje dizemos isso, embora saibamos que a grande maioria dos corpos de mulheres continua sendo definida a partir dos corpos masculinos, dos corpos de poder, das autoridades políticas, dos líderes da economia e da moda, das autoridades das religiões. E, nessa espécie de “produção” de corpos para os outros e pelos outros fomos acordando para uma série de conflitos e contradições que nos habitava; querendo sair das prisões que preparavam para nós, denunciemos os horrores que coletivamente nos atingiam⁴⁵.

A teopoética feminista traz para a teologia a dor, tristeza, prazer, gozo de ser mulher. É escrever teologia com sangue, com o sangue que corre em suas veias, com o sangue da sua menstruação, com o sangue do rompimento do hímen, com o sangue de dar à luz – existências humanas, divinas e utópicas, escrever com o sangue que escorre das violências –

⁴³ ALTHAUS-REID, Marcella. “Marx em um bar gay: a teologia indecente como uma reflexão sobre a Teologia da Libertação e sexualidade”. In: RIBEIRO, Cláudio (org.). *Rasgando o Verbo: Teologia Feminista em foco*. São Paulo: Fonte Editorial, 2016, p. 61.

⁴⁴ CARVALHAES, Cláudio. “O pobre não tem sexo – A ausência dos discursos de sexualidades na construção da noção de subjetividade na Teologia da Libertação”. Disponível em < <http://www.claudiocarvalhaes.com/articles-pt-br/o-pobre-nao-tem-sexo/> > Acesso em < 05 de mai de 2018 >.

⁴⁵ GEBARA, Ivone. *Mulher, poder e religião: ensaios feministas*. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017, p. 80.

doméstica, do racismo, da pobreza, feminicídio; escreve também com o sangue do aborto natural, clandestino, forçado. A mulher escreve teologia com sangue, não por opção.

Furamos o teto das Igrejas e não nos querem mais dentro. Por isso, enredam-nos com suas falas sobre fidelidade à Tradição, com seus textos rigidamente interpretados, com sua propaganda teológica enganosa... Ou, mentem em público nos chamando de levianas, superficiais e ilusionistas, a nós que apenas queremos acender novas lâmpadas para iluminar a própria vida⁴⁶.

Furar o teto não é tarefa fácil... e mais uma vez cortamos as mãos da mulher e seu sangue escorre, se partilha em prol da construção de uma sociedade de igualitária. Sangue que se derrama por não querer mais “nascer de “costelas” masculinas, ser expulsas do paraíso, ser proibidas de comer frutos do conhecimento, acolher o destino de chorar nossos filhos mortos numa cruz e nas muitas guerras inventadas”⁴⁷. A reação desse movimento corporal é a das mais diversas: “Queimaram-nos em fogueiras, encarceraram nossos corpos, rasgaram nossos textos, ocultaram nossos poemas, duvidaram da qualidade de nossas dúvidas”⁴⁸.

Ser mulher é ter a semente da transgressão, do gozo, da liberdade e desobediência. É preciso transgredir, desobedecer, desestabilizar a ordem vigente. É nas margens do ser mulher e nas suas fronteiras que há uma potência para desativar os dispositivos do poder hierárquico e criar uma comunidade que vem, nova, livre, leve. E é a partir dessa transgressão que Ivone Gebara sopra ventos de uma teologia libertária, feminista, do corpo que sente... e se renova! Toca no *queer*, na indecência, puxa as saias de Deus e descobre sua transgressão! Na complexidade de Deus e “a complexidade dos seres humanos se impõe a cada dia fazendo-nos perguntar sempre de novo sobre quem dizemos que somos e o que queremos ser”⁴⁹.

Nosso complexo corpo se movimenta, rompendo tudo o que o amarra, rasgando as vestes da tradição, corpo que é fluidez, descoberta

⁴⁶ GEBARA, 2017, p. 30.

⁴⁷ GEBARA, 2017, p. 31.

⁴⁸ GEBARA, 2017, p. 32.

⁴⁹ GEBARA, 2017, p. 201.

e liberdade. Corpo que é corpo com outros corpos e constrói uma corporeidade divinamente própria. A mulher que se torna, se torna dona de si, da sua história, das suas escolhas, da sua fé – não mais enclausurada pelas paredes escuras da Igreja, mas que faz buracos, destrói tetos, muros, altares, e constrói um espaço sem paredes, aberto, livre, colorido e iluminado, onde o vento do Espírito areja e rega as flores que crescem com os encontros dos corpos.

Para Ivone Gebara “partir do corpo é redimi-lo, é acolher nele a criação como profundamente boa, é acolher o abraço divinizante da matéria no estremecimento dos corpos, nas suas trocas energéticas, no mistério que encerram, na vida que buscam”⁵⁰. Uma teopoética feminista do corpo é um discurso que tem odores, sabores, toques, imagens, sons. Que busca no corpo a rede de sentido e significações para comunicar, da maneira possível, sua experiência com o transcendente. “Transcendência que significa que o mal nos supera às vezes com mais força que o bem, ou que o mal sempre está aí, intrometido, misturado em nosso cotidiano⁵¹”, cotidiano da América Latina. Começamos esse breve ensaio com a pergunta se era possível outro ponto de partida senão o corpo e acreditamos que não, ressoamos juntos com Rubem Alves:

Tudo pelo corpo.
Tudo a partir do corpo⁵².

Referências

- ALTHAUS-REID, Marcella. “Marx em um bar gay: a teologia indecente como uma reflexão sobre a Teologia da Libertação e sexualidade”. In: RIBEIRO, Cláudio (org.). *Rasgando o Verbo – Teologia Feminista em foco*. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.
- ALVES, Rubem. *Variações sobre a Vida e a Morte: o feitiço erótico-erótico da teologia*. 2 ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985

⁵⁰ GEBARA, 2016, p. 93.

⁵¹ GEBARA, 2000, p. 97.

⁵² ALVES, 1985, p. 34.

- _____. *Por uma Teologia da Libertação*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012
- CARVALHAES, Claudio. “O pobre não tem sexo – A ausência dos discursos de sexualidades na construção da noção de subjetividade na Teologia da Libertação”. Disponível em < <http://www.claudiocarvalhaes.com/articles-pt-br/o-pobre-nao-tem-sexo/> > Acesso em < 12 de jun de 2017 >
- GEBARA, Ivone. *Conhece-te a ti mesma*. Uma leitura feminista do humano. São Paulo: Paulinas, 1991.
- _____. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. “Corpo, novo ponto de partida da teologia”. In: RIBEIRO, Cláudio (org.). *Rasgando o Verbo – Teologia Feminista em foco*. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.
- _____. *Mulher, poder e religião: ensaios feministas*. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017.
- HOLLAND, Scott. *How Do Stories Save Us?* Grand Rapids: Eerdmans, 2006.
- LE BRETON, David. *Antropologia dos Sentidos*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- PEREIRA, Nancy Cardoso. *Amantíssima e só evangelho de Maria & as outras*. São Paulo: Olho d’Água, 1999.